



BERTRAND, Denis. **Caminhos da semiótica literária**. Bauru: EDUSC, 2003, 442p.

Daniele Santana Sally
UFF – Universidade Federal Fluminense e
UNESA – Universidade Estácio de Sá

Em *Caminhos da Semiótica literária*, Denis Bertrand (2003) apresenta os conceitos básicos da semiótica aplicados aos textos literários, buscando ao mesmo tempo introduzir o leitor iniciante no percurso metodológico e analítico da teoria e desenvolver, com o auxílio de tal instrumental teórico, um estudo da literatura fundamentado na realidade do texto e do discurso. O autor cumpre plenamente seu intento, mas os *Caminhos* vão muito além de tais objetivos.

Com uma forma e uma linguagem extremamente didáticas, Bertrand constrói uma obra direcionada tanto aos não-iniciados quanto àqueles que, conhecendo a teoria, desejam revisar, retomar, aprofundar ou observar a operacionalização dos conceitos em análises muitas vezes modelares por sua clareza e acuidade. Já na introdução é possível notar algumas dessas características, pois ela funciona como um plano de trabalho do livro por delinear não só um roteiro em linhas gerais do que vai ser discutido, mas também a própria metodologia de apresentação da teoria: definição de termos e conceitos, a começar pelo nome da disciplina; relações com outras disciplinas e desenvolvimento histórico-conceitual; reflexões sobre a noção de “texto” ancoradas na análise dos objetos concretos; exposição mais detida de quatro dimensões teóricas, quais sejam, enunciativa, figurativa, narrativa e passional.

Examinando algumas definições de “semiótica”, Bertrand estabelece a diferença entre duas teorias semióticas, a européia e a americana. Enquanto esta, baseada em Charles S. Peirce, é centrada no signo, no seu modo de produção e na sua relação com o referente, aquela, fundamentada, sobretudo, na obra de A. J. Greimas, é uma teoria da significação. De forma bastante simples, se a semiótica americana interessa-se pelas codificações do signo, a semiótica da “Escola de Paris” ocupa-se do sentido gerado, articulado pelo signo. É exatamente a semiótica francesa a teoria abordada ao longo do livro. Servindo ao intuito de apontar “as bases programáticas do projeto semiótico” e a “economia geral da teoria semiótica” (BERTRAND, 2003, p. 16-17), a última definição comentada, extraída do *Dicionário de Semiótica*, de Greimas e Courtés, revela aquilo que vai ser uma das melhores contribuições dos *Caminhos*: evidenciar que existe uma teoria da leitura na base da semiótica, uma vez que ela é tanto uma teoria da produção quanto da apreensão do sentido.

Explicitar a relação com outras disciplinas, como a lingüística, a antropologia e a filosofia, é uma forma de balizamento que demonstra, além de sua especificidade, a semiótica como produto interdisciplinar. Assim, se os princípios que norteiam a metodologia de análise estão assentados na lingüística saussuriana, as reflexões de Émile Benveniste fundamentam a concepção semiótica de enunciação e discurso. Da antropologia, a semiótica aproxima-se em alguns aspectos, entre os quais a noção de narrativa como um princípio organizador do imaginário humano. A concepção de parecer do sentido, de que a significação nasce de uma relação “entre sujeito sensível e objeto percebido, destacando-se no horizonte da sensação” (p. 21) é inspirada na fenomenologia.

Além da introdução, o livro é dividido em partes, cada uma abordando uma das dimensões apontadas na introdução. A primeira delas, *Percurso do método*, é composta de dois capítulos. No primeiro, a partir de um pequeno texto de base, apresenta-se sucintamente o modelo da análise semiótica, organizado em níveis de invariância crescente, o percurso gerativo, simulacro da produção do sentido. Tal percurso é constituído do patamar profundo, em que se encontram as categorias semânticas mais abstratas e a sintaxe elementar, operacionalizada no quadrado semiótico. No patamar das estruturas semionarrativas, as categorias semânticas são assumidas como valores por um sujeito na relação com um objeto e com outros sujeitos, o que pode ser observado na construção de programas narrativos que se encontram hierarquizados em seqüências, constituindo o esquema narrativo canônico. Finalizando o processo de complexificação e concretização do sentido, encontra-se o último patamar do percurso, o das estruturas discursivas, em que se observam as recorrências de elementos mais abstratos, os temas, subjacentes a termos mais concretos, as figuras, que, encadeados, geram isotopias.

No capítulo 2, a partir do trecho “A fuga de Fabrício”, extraído de Stendhal, Bertrand empreende o que ele mesmo denomina “análise modular”. Preterindo a esquematização anteriormente mostrada da análise semiótica através do desenvolvimento do percurso gerativo de sentido em cada um de seus níveis, ele realiza, a partir daquilo que o texto oferece como possibilidade e o analista ressalta como pertinente para a leitura, uma análise em três “módulos”, que correspondem a conjuntos significantes em relação uns com os outros e mobilizam, cada um deles, um dos níveis do percurso gerativo, preferencialmente. Assim, mostra-se que, além das questões da enunciação e de suas relações com o discurso-enunciado — Fabrício é sujeito da enunciação simulada no enunciado por meio da delegação de voz (ele fala) e, ao mesmo tempo, ator central da narrativa —, o sujeito da narrativa ocupa posições distintas, desencadeando três percursos: pragmático (relacionado ao “fazer” e às transformações ocorridas na narrativa), passional (relacionado ao “ser” do sujeito, à modulação de seus estados de alma) e analógico (isotopias figurativas que constituem o ator discursivo).

A análise de “A fuga de Fabrício” cumpre, nos *Caminhos*, um duplo papel. Primeiramente, atende ao objetivo do capítulo em que se insere a fim de demonstrar que o modelo semiótico não deve se restringir a esquematismos, visto que ele se presta a ser um norteador de leitura, oferecendo entradas analíticas possíveis, a partir de cada objeto de que o analista se ocupa, pois, como conclui muito bem Bertrand, relendo a “máxima” greimasiana que diz que “fora do texto não há salvação”, o texto “dita sua lei” (p. 72). O outro papel insere-se no plano de trabalho do próprio livro, uma vez que tanto as reflexões sobre a enunciação quanto sobre cada um dos “módulos” são pequenas amostras dos assuntos sobre os quais Bertrand se debruça nas outras quatro partes que o compõem: *Discurso e enunciação*, *Figuratividade*, *Narratividade* e *Afetividade*.

Na parte 2, *Discurso e enunciação*, apresenta-se o acolhimento paulatino da noção de enunciação pela semiótica desde seu princípio. Havia um temor de que a noção de subjetividade na linguagem fosse encarada, no âmbito da análise textual de forma psicologizada ou ontologizada. Daí a formulação necessária de enunciação como instância pressuposta logicamente pelo enunciado, seu produto. Isso torna possível a reconstituição do sujeito da enunciação a partir de pistas, marcas deixadas no enunciado, tanto através de operações enunciativas, ou seja, da projeção, pela enunciação pressuposta, de pessoa, tempo e espaço no enunciado, quanto de instauração de instâncias delegadas, simulacros da enunciação.

Existem críticas ao modelo semiótico da enunciação, ligadas basicamente a um excessivo formalismo e ao princípio da imanência que levariam a uma “ausência da enunciação”. Bertrand considera que tais críticas fundamentam-se em um mal-entendido — o qual já poderia ser desfeito pelo leitor dos *Caminhos* quando da reflexão sobre as bases e sobre as implicações teóricas da semiótica, mais especificamente suas relações com a antropologia. É o próprio Bertrand, porém, quem responde diretamente às críticas:

Parece-nos que descobrir estruturas imanentes nas formas é também dotar-se dos meios de reconhecer as convenções que o uso pouco a pouco estabeleceu, sedimentadas em estruturas e construídas como regras implícitas. Essas convenções moldam as expectativas dos leitores. Elas asseguram, para além do sistema da língua em si, a previsibilidade do conteúdo, as hipóteses e inferências da leitura. (p.31)

Essa sedimentação, advinda da práxis enunciativa, isto é, “aquilo que, condicionando os percursos e as partilhas do sentido, comanda o exercício do discurso” (p. 85), não exclui a possibilidade de inovação, por meio de práticas que criem relações semânticas e significações novas.

Como perspectiva atual dos estudos semióticos acerca da enunciação encontra-se uma relação mais estreita com a fenomenologia, por meio da incorporação da percepção no ato linguageiro, do sensível e da sensorialidade no ato significante, uma vez que a “instância enunciante” (p. 106) possui um corpo que sente e experimenta e está enraizada no tempo e no espaço.

Além disso, o estudo das questões relativas à enunciação está ligado à determinação do espaço enunciativo que funda “pontos de vista”, noção que pode ser aplicada aos diferentes modos de organização do discurso: narrativo, descritivo ou argumentativo. A escolha de uma posição enunciativa marca “(...) o modo de presença do enunciador em seu discurso e a maneira pela qual ele dispõe, organiza e orienta seus conteúdos” (p.113).

A segunda dimensão discutida por Bertrand é a da figuratividade, objeto de que trata a parte 3. Abordam-se aí os pontos básicos a respeito da figuratividade em semiótica, entendida como correspondência entre figuras semânticas e figuras do mundo, ou melhor, como representação do mundo na linguagem, por meio de recorrências semânticas, as isotopias, que recobrem estruturas mais profundas e abstratas e fazem com que o leitor veja, sinta, experimente o mundo. Para isso, observam-se as transformações sofridas pelo conceito de figuratividade em semiótica, desde as mais estruturais até a incorporação progressiva dos dados da percepção, chegando-se à noção de “tela do parecer”, que, por sua imperfeição, revela possibilidades de além-sentido.

Em seguida, investigam-se as relações entre duas semióticas, a do mundo natural e a das línguas naturais, os desdobramentos da semântica estrutural com suas noções de sema, semema e análise sêmica — que serviram de base ao desenvolvimento de alguns conceitos em semântica discursiva, no último nível do percurso gerativo de sentido —, até o

aparecimento da noção de isotopia, que, pela repetição e progressão, está relacionada à coerência textual e ao estabelecimento de um espaço fiduciário que subjaz à leitura. A construção do “parecer” pela figuratividade está diretamente relacionada à modalidade do /crer verdadeiro/, base de uma relação fiduciária fundadora de um contrato de veridicção que põe em circulação valores, e à adesão do sujeito ao sensível.

A distinção entre abstração e iconização, relacionada a graus diferentes de figuratividade, com a possibilidade de instauração, a partir de determinados arranjos figurativos, de uma referencialidade interna, é demonstrada de forma primorosa na análise de um fragmento de *Madame Bovary*, de Flaubert.

A parte 3 aborda a narratividade por meio de um resumo histórico, em que se demonstra a filiação à análise da narrativa empreendida por Propp e a constituição das seqüências narrativas, a partir da noção de actantes e de enunciados de estado e de fazer articulados. Desenvolve-se o estudo das estruturas da ação, isto é, das mudanças de estado, das transformações ocorridas nas relações entre sujeitos e objetos de valor e entre sujeitos, organizadas em percursos actanciais definidos por sua composição modal.

A *Afetividade*, quarta e última parte, delimita o estudo da dimensão passional dos discursos, da constituição do ser do sujeito e de seus simulacros, dos seus estados de alma, em meio às mudanças dos estados de coisas e da circulação de objetos e valores. O ser do sujeito é então variável no discurso e construído a partir de um arranjo de modalidades (querer, dever, poder, saber) que modificam os enunciados de estado e evidenciam as “disposições afetivas”. Por fim, investiga-se a enunciação passional, “projeção de simulacros”, em que “o afeto, elevado à condição de objeto, tende a tornar-se o parceiro-sujeito do sujeito apaixonado” (p. 379).

A conclusão, intitulada *Semiótica e leitura*, funciona como uma abertura de “caminhos” realizada por Bertrand para que se desenvolva com mais atenção uma reflexão semiótica sobre o leitor, a experiência da leitura, os regimes de adesão e as condições de legibilidade.

Além do caráter didático dos *Caminhos da semiótica literária*, de suas reflexões pertinentes e análises cuidadosas, Denis Bertrand chama a atenção para o que é em verdade a semiótica: uma teoria que se refaz continuamente, na medida em que cada texto põe em questão o próprio modelo teórico, ao mesmo tempo em que cada nível do percurso se abre a problematizações constantes.